

sobre a masculinidade vulnerável em homens sobreviventes – análise de uma obra literária

on vulnerable masculinity in male survivors -
analysing a literary work

para meu pai (*in memoriam*)

alexandro henrique paixão¹

resumo

Este artigo discute o problema das masculinidades pelo viés da vulnerabilidade. Para tanto, analisa-se um fragmento do romance *O que te pertence* (2019), de Garth Greenwell. O objetivo não é prescrever nada acerca das masculinidades vulneráveis, mas analisar essa “estrutura de sentimento” por meio da análise de um fato literário específico, mobilizando um repertório advindo, principalmente, de diferentes perspectivas sociológicas e da psicanálise de matriz freudiana. O objetivo é pensar um modo de vida comum dos homens perpassado pela vulnerabilidade, que, neste artigo, será sinônimo de clandestinidade e busca de sobrevivência.

palavras-chave

Masculinidades vulneráveis; estrutura de sentimento; vida emocional dos homens clandestinos e sobreviventes; *O que te pertence*.

abstract

This article discusses the problem of masculinities through the lens of vulnerability. To this end, a fragment from Garth Greenwell's novel *What Belongs to You* (2019) is analyzed. The aim is not to prescribe anything about vulnerable masculinities, but to analyse this “structure of feeling” through the analysis of a specific literary fact, mobilizing a repertoire drawn mainly from different sociological perspectives and Freudian psychoanalysis. The aim is to think about a common way of life for men permeated by vulnerability, which in this article will be synonymous with clandestinity and the search for survival.

keywords

vulnerable masculinities; structure of feeling; emotional life of clandestine men and survivors; what belongs to you.

¹ Professor Associado I do Departamento de Ciências Sociais na Educação da Unicamp e Membro Filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: ahpaixao@unicamp.br.

APRESENTAÇÃO

Este artigo discute o fenômeno das masculinidades vulneráveis por meio de um romance chamado *O que te pertence* (2019), de autoria de Garth Greenwell. A vulnerabilidade não se trata de uma adjetivação, mas de uma “estrutura de sentimento”² relacionada ao caráter socioemocional de personagens masculinos criados pela ficção, algo que precisamos definir por meio de algumas palavras e/ou expressões-chave, a serem apresentadas durante as análises em itálico, sendo identificadas por meio de algarismos romanos (de I a IX). Sobre o método, vou operar com a técnica filológica da “explicação de texto”, visando a alcançar uma “hipótese cultural” acerca das masculinidades.³ Agora, se poderemos generalizar aquilo que vamos discutir para outros romances tematizando o masculino, isso não posso sustentar em um único artigo, afirmo, portanto, que minha proposta é apenas trabalhar com algumas hipóteses.

AUTOR E OBRA

Ainda pouco conhecido do público brasileiro, Garth Greenwell escreveu apenas dois romances tematizando a homossexualidade, esse que vamos analisar e uma outra obra chamada *Pureza*, de 2023, ambos dentro da cena literária *queer* atual⁴. Trata-se de um cenário bastante rico e extenso, pois não faltam exemplos de romances com essa temática dentro e fora do Brasil, um dos mais recentes exemplos no país pode ser o livro de Estenio Gardel, chamado *A palavra que resta*, publicado em 2021. São listas e mais listas de livros com a temática *queer*, quando colocamos na busca do Google palavras-chave como “Queer Romance Books” ou “Romances LGBTQIAP+ brasileiros”, o que significa que muitos outros romances poderiam ser selecionados para discutirmos nosso problema relacionado ao masculino e a sua vulnerabilidade.

Mas por que Garth Greenwell e *O que te pertence*? A resposta mais imediata é porque gosto muito dele; além disso, e antecipando um pouco o que vamos ler nas tintas e no papel da ficção, foi Greenwell quem me apresentou de uma maneira mais acabada a ideia de que o feminino é um fantasma para os homens. O que ameaça os homens não é a homossexualidade, mas o feminino, algo que este autor apresenta brilhantemente em seu texto⁵. Inclusive, nesse romance, esse argumento precioso aparece sob a pele das palavras do narrador, carecendo de análise e interpretação textual, porque o feminino se refrata não por meio da homossexualidade, mas do pai, em uma cena do banho com o filho púbere, a ser comentada. Já em seu segundo romance, chamado *Pureza*, Greenwell, prontamente, evidencia essa tese já nas primeiras páginas do romance, quando o narrador nos diz: “quando eu era pequeno, meu pai reagia a qualquer sinal de feminilidade com uma

² WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011, p. 69.

³ Raymond Williams (1921-1988) comenta que metodologicamente uma estrutura de sentimento é uma hipótese cultural (WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977, p. 135). Desenvolverei esse ponto nas “Considerações finais” deste artigo.

⁴ Não pretendo desenvolver conceitualmente a questão do que seria ou não um romance *queer*, pois isso demandaria outro debate. Compreenda-se, neste texto, que o romance aqui analisado é lido como *queer* por conta do tema tratado na narrativa, a saber, um narrador homossexual e a vivência clandestina de sua sexualidade em um país estrangeiro, conforme destacarei.

⁵ Inicialmente, foi Freud, em diferentes momentos de sua vasta obra, quem chamou atenção para este fenômeno do medo da feminilidade nos homens, sendo que uma boa síntese pode ser encontrada no ensaio “Análise terminável e interminável” (1937). FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1937-1939)*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII, p. 264-266.

crueldade descomunal, como se pudesse evitar que eu me tornasse o que viria a ser, um viado”.⁶ Evitar se parecer com uma mulher está no âmago desses dois romances do autor, embora isso seja representado de diferentes maneiras em cada um deles: em *O que te pertence* o feminino tem presença pela figura paterna; enquanto em *Pureza* é a homossexualidade que é coisa de “mulherzinha”, nas palavras do pai. Por isso, podemos dizer que um romance é complemento do outro, na medida em que ambos contam a história de um professor homossexual estadunidense estabelecido na Bulgária, assombrado pela figura paterna, enquanto tenta amar e ser amado por homens, eles mesmos tão clandestinos quanto ele. Nesse sentido, um estudo comparando os dois romances seria muito interessante, mas vou escolher ficar com o primeiro, afinal, tudo acontece ali pela primeira vez, como se fosse a experiência do primeiro amor-erótico, algo em que devo me concentrar, encerrando aqui este breve comentário comparativo entre os romances do autor.

Assim, uma das marcas principais da vulnerabilidade masculina seria o medo da feminilidade. De fato, isso é central, mas não é o único ponto, conforme podemos ler no fragmento a seguir, extraído do romance.

COMENTÁRIO E INTERPRETAÇÃO

Apoiando-me metodologicamente em determinada técnica filológica — a explicação de texto —,⁷ passo agora ao trecho selecionado para que o leitor possa me acompanhar e pôr à prova as hipóteses e reflexões apresentadas a seguir:

Até os oito ou nove anos de idade eu desfrutei de um acesso [ao meu pai] à sua presença livre de suspeita ou dúvida, mesmo quando me tornei consciente das diferenças entre o corpo dele e o meu [...] de modo que o que antes eram nossos jogos (a corrida ao banheiro depois de uma longa jornada de carro, mijando apertados um do lado do outro no espaço exíguo), foram se tornando ocasiões de cerimônia e mal-estar cada vez maiores... Não lembro que idade eu tinha quando me dei conta da plena extensão desse distanciamento, talvez dez ou onze anos, ainda novo o bastante para tomar banho com o meu pai... Eu já tinha idade para me lavar sozinho, mas ainda tocávamos um ao outro; ele me pedia para ensaboar suas costas, que tinha dificuldades para alcançar, e em troca ele ensaboava as minhas... Tínhamos saído debaixo da água para o chão de ladrilhos, que podia ser escorregadio, conforme ele sempre me lembrava. Tome cuidado, disse, e então me aproximei dele, não com alguma intenção específica, mas talvez também não inocentemente... Ou talvez seja mais verdadeiro dizer que eu era inocente mas não sem intenção, pois o que é que me moveria senão uma intenção, uma intenção corporal? Eu queria tocá-lo, não com uma consequência em mente, mas um desejo, que me impeliu até ele e que ele sentiu, também, quando coloquei meus braços ao seu redor e pressionei meu corpo contra o seu e ele sentiu minha ereção no ponto em que ela o tocava. Aquilo foi o fim do cuidado, ele me empurrou sem querer pensar no piso escorregadio; e quando olhei para o seu rosto, que estava retorcido de asco, foi como se eu visse seu verdadeiro rosto, seu rosto autêntico, não o rosto ensinado da paternidade.⁸

O excerto em destaque encontra-se na parte dois do romance, intitulada “O Túmulo”. É ali que o personagem principal, um professor do American College, universidade localizada na cidade de Sofia, capital da Bulgária, revela-nos o distanciamento

⁶ GREENWELL, Garth. *Pureza*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 32.

⁷ AUERBACH, Erich. Epílogo. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*. Tradução: George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 501-502.

⁸ GREENWELL, Garth. *O que te pertence*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2019, p. 79, interpolações minhas.

que existia entre ele e a família, formada por pais divorciados e uma irmã, que viviam nos Estados Unidos. Toda a tensão desse capítulo consiste na *rememoração traumática* (I) dos romances familiares, motivada após o personagem principal receber a notícia de que seu pai estava à beira da morte nos Estados Unidos. A possibilidade da morte do pai, de seu túmulo, vai provocar na narrativa uma enxurrada de memórias infantis traumáticas, revelando-nos quanto um homem pode ficar vulnerável perante outro.

Prova disso é o que acabamos de ler e que podemos caracterizar como uma “grave fraturada ética” entre pai e filho. As *fraturas éticas* (II), segundo o psicanalista Gilberto Safra, levam a pessoa que as vive a experiências que causam profundo sofrimento psíquico e existencial, ocasionando sentimentos angustiantes, tais como a experiência de isolamento, a qual leva a um estado de solidão absoluta, uma sensação de não pertencimento à comunidade humana⁹. Tais sínteses de Safra nos ajudam a repassar as primeiras emoções que compõem esse tipo masculino mais vulnerável: rememoração traumática, sentimentos angustiantes, como a *solidão total* (III), própria do isolamento, características da clandestinidade.

Essas primeiras emoções estão relacionadas a determinadas práticas e expressões corporais refratadas na imagem de um rosto paterno retorcido de asco, em face da excitação genital do filho. O resultado é o fim de um cuidado paterno que acabou provocando uma espécie de *desastre psíquico* (IV), por conta da fratura ética entre pai e filho. Ética, aqui, é lida no sentido de que fala o filósofo Emmanuel Levinas, como aquilo que diz respeito à responsabilidade para com o outro, a partir do momento que esse outro me enxerga, torna-se parte de minha vida, um rosto presente¹⁰. A abordagem do rosto não é da ordem da percepção pura e simples, mas da atitude responsável numa interação mútua e assimétrica, pois estamos diante de um pai e um filho.

Para pensar essa responsabilidade fraturada entre pai e filho, atentemos para três palavras-chave específicas que aparecem no excerto supracitado: rosto, asco e pênis ereto. É por elas que devemos começar nossa interpretação, tomando como parâmetro o que escreveu Sigmund Freud sobre a cabeça da Medusa, numa perspectiva psicanalítica¹¹. Segundo ele, o mito podia servir para explicar tanto o horror à castração, na medida em que a medusa representava a visão de algo terrível e emasculador, quanto um evento causador de uma rigidez, à medida que essa mesma visão transformava tudo em pedra, tamanha a força do acontecimento, envolvendo uma mulher monstruosa e os homens. A referência à Medusa como uma mulher fálica, porque possui cabelos em forma de serpentes, é bastante oportuna, tendo em vista que deforma a imagem da mulher, atribuindo-lhe caracteres masculinos traduzidos como repugnantes: cabelos de serpentes ou alegoricamente penianos, com olhos penetrantes que transformavam tudo em pedra. Trata-se de uma verdadeira representação do feminino monstruoso e ameaçador para os homens, um feminino, é claro, com características masculinas, repugnantes, também, pois, na cabeça de uma mulher, há serpentes, cobras, representações do falo ameaçador, o qual também está presente na cena do banho.

Na verdade, pai e filho se banhando juntos não deveria causar nenhum incômodo moral. Entretanto, quando a ereção genital do filho entra no jogo sensual dos corpos, os papéis se confundem e o menino acaba assumindo a posição sexual ativa, enquanto o pai, a passiva, como se fosse uma mulher com pênis e com um rosto assustador, alguém que

⁹ SAFRA, Gilberto. O testemunho na situação clínica: literatura e psicanálise. In: COTTA, José Alberto; SAFRA, Gilberto (org.). *Psicanálise e Literatura: Imre Kertész e o desterro humano*. [S. l.]: E-Galaxia, 2015. E-book.

¹⁰ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Madri: Machado Libros, 1991. E-book.

¹¹ FREUD, Sigmund. A Cabeça da Medusa. In: FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos* (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. XV.

lembra a figura da Medusa. Nesse sentido, o excerto extraído do romance parece evocar essas dimensões que Freud nos apresentou do mito: primeiro, pai e filho ficam horrorizados com o que veem (o pai com a visão do pênis ereto do filho, o filho com o rosto medonho do pai); segundo, a rigidez do pênis não somente representa e assegura o afeto do filho pelo pai, mas funciona tanto como um ato *castrador* (V), com a emasculação do pai, quanto como um “ato apotropaico”, relacionado à reação do filho. Nas palavras de Freud, este último ato, o apotropaico, pode ser traduzido da seguinte forma: meu pênis está ereto e isso significa que não tenho medo de você, porque sou potente e posso te possuir¹². A simbologia da Medusa, portanto, ajuda-nos a entrar em contato tanto com o tema da homossexualidade, pois temos dois homens em uma cena eroticamente íntima, em que um é mais potente do que o outro, quanto com o *medo do feminino* [fantasmagoria] (VI), na medida em que o pai é travestido numa mulher com pênis e olhos penetrantes, apresentando aqui uma imago feminina ameaçadora e/ou assombrosa, como se fosse um fantasma.

Este comentário, na verdade, ressalta uma quantidade de elementos ambíguos, quando tento falar de masculinidades. Com isso, quero já dizer que as masculinidades vulneráveis não são apenas fraturadas eticamente, elas são também *ambivalentes* (VII).

Falarei das ambivalências masculinas assim que comentarmos mais um pouco os efeitos, para nosso argumento, dessas três palavras-chave: rosto, asco e pênis ereto. Considero, na verdade, que elas nos dão, a partir do que lemos e interpretamos, uma dimensão de como os papéis sexuais, eles mesmos sociais, são definidos na cena do banho. Na verdade, em termos sociológicos, estamos diante de papéis de gênero e sexualidade, eles mesmos relacionados à masculinidade homossexual do filho e à masculinidade heterossexual do pai. Sendo que este último rejeita, exclui, expulsa, ou melhor, castra paternalmente a expressão corporal e emocional do filho.

Sobre a *castração* (V), vimos no exemplo da cabeça da Medusa como isso se instala na narrativa que acabamos de ler. Já sobre a atitude paternal ou patriarcal, há uma boa síntese no livro *Diferenças, Igualdade*, no artigo da antropóloga Adriana Piscitelli sobre a história do conceito de gênero, quando descreve que o poder patriarcal consiste, dentro do âmbito familiar, no domínio do pai sobre a esposa e os filhos. O que significa que o poder patriarcal consiste na capacidade masculina de controlar o corpo da mulher, para fins reprodutivos ou sexuais¹³. No caso dos personagens do romance em análise, não se trata do controle do corpo da mulher, mas do controle do corpo do filho, que, inclusive, relata que já tinha idade e condições suficientes para tomar banho sozinho, embora atendesse ao pedido do pai que lavassem as costas um do outro. Esse espaço de afetos, e também de controle, é próprio da dominação masculina¹⁴. Para o que nos interessa agora, o capítulo dedicado à construção social dos corpos é suficiente para refletirmos sobre a topologia dos corpos sexualizados que aparece na cena do banho do pai e do filho. Pensando no exemplo antropológico da sociedade argelina e androcêntrica, chamada Cabília, objeto de estudo de Pierre Bourdieu, oferece-se a seguinte significação social para os corpos sexualizados: o masculino estava associado à ereção ou à posição superior no ato sexual, enquanto o feminino a uma situação passiva, obediente e submissa¹⁵.

¹² *Ibid.*, p. 327-328.

¹³ PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José. *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlindis & Verchiora Editores, 2009, pp. 116-149. (Coleção Sociedade em foco: introdução às Ciências Sociais).

¹⁴ Como não tenho espaço para aprofundar o assunto aqui, recomendo, sobre o tema, a leitura do livro *A dominação masculina*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Cf. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

¹⁵ Dialogando com determinada sociologia ocupada com a questão de gênero, destaco que R. Connell e J. Messerschmidt criticam essa concepção bourdieusiana, na medida em que ela considera as relações de gênero como autônomas,

Tais significados sociais eram postos sempre na relação entre homens e mulheres, nunca entre homens e homens, porque os papéis sexuais/sociais no interior de uma dominação com características patriarcais deveriam se dar dentro dessa ordem social e desigual dos gêneros, na qual os homens dominam, mandam, submetem; enquanto as mulheres aceitam, oferecem e obedecem. Esse é o funcionamento “normal”, natural e inevitável da divisão entre os sexos, que, na verdade, operam como sistemas de percepção, de pensamento e ação¹⁶, determinando corpos e hábitos dentro de um mundo social tradicional.

Nesse esquema patriarcal-tradicional, um homem, mesmo que seja uma criança, não pode ter o pênis ereto e tocar outro homem com ele, mesmo que seja seu pai. Isso viola todas as regras socialmente estabelecidas e introjetadas sobre os gêneros, as práticas, os discursos, as emoções masculinas. Um tipo específico de homem não toca nem se excita com outro homem, independentemente do papel social e da idade. Dentro de pressupostos heteronormativos, são os chamados machos. Tipos assim não podem sentir fortes afetos por outros homens. Podem, na verdade, interagir com homens, mas de uma maneira muito específica e por meio da competição. Exemplo disso aparece no excerto que acabamos de ler, quando pai e filho “mijam” juntos, exibem o pênis um para o outro, depois de uma viagem e de uma corrida ao banheiro. Algo descrito dentro de uma atmosfera de jogo, como se fosse um esporte ou uma brincadeira, ainda que o teor sexual não estivesse ausente. Práticas e expressões corporais masculinas dentro dos jogos ou dos esportes estão autorizadas entre homens machos. O que significa dizer, nesses casos, que o desejo sexual por outro homem precisa ser sempre substituído pela competição, caso contrário, tudo fica muito vulnerável perante os homens que tentam sobreviver a essa atmosfera social-emocional masculina.

Mas que fique evidente que o que se apresenta, aqui, não é um tipo particular de homem, mas um discurso sobre um tipo de masculinidade, a masculinidade heterossexual, normativa e hegemônica, segundo nos conta a socióloga australiana Raewyn Connell, em seu livro *Masculinities*, de 1995. Nessa mesma direção, só que em outro trabalho, Connell e um de seus colegas sociólogos, James W. Messerschmidt, no artigo intitulado “Masculinidades hegemônicas: repensando o conceito”, ajudam neste argumento. Por meio da perspectiva dos autores, é possível pensar que a relação entre pai e filho é, na verdade, expressão de um grande conflito de masculinidades: de um lado, impõe-se uma masculinidade homossexual ou subordinada; de outro, reage uma masculinidade heteronormativa ou hegemônica¹⁷, ameaçada pelo feminino a que foi submetido ao pai.

Dentro de determinada ordem de discurso patriarcal, o papel assumido por nosso personagem principal não era “natural”. O pai também perdia seu papel, o rosto aprendido da paternidade. Corrompida a masculinidade hegemônica, que é heteronormativa, tudo ficou bastante confuso entre pai e filho, sobretudo, se pensarmos que as práticas e expressões corporais que emergiram na cena ficaram proibidas. Ao final de tudo, temos um clima incestuoso e temperado pelo ar impuro de um tabu.

Digo isso pensando no que dizia Freud em *Totem e tabu* (1912): o indivíduo que violou um tabu torna-se, ele mesmo, um tabu. Isso ocorria porque o transgressor tornava-se alguém perigoso, um mau exemplo para os outros, uma espécie de pessoa contagiosa,

de tal forma que a dominação masculina e a subordinação feminina são vistas como um sistema autorreprodutor e não como um processo histórico (CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013, p. 260). Concordo em termos gerais com os autores, mas, para o argumento deste capítulo, adoto inicialmente a concepção clássica de papel social-sexual tradicional de Bourdieu, por ser a forma como isso aparece refratado no romance em análise.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023, p. 21.

¹⁷ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013, p. 260, pp. 262-263.

que não deve ser imitada, mas rejeitada, lançada longe no piso escorregadio do banheiro. Tanto isso ocorre que o narrador nos conta que seu pai o expulsou. Em outro momento do romance, mais adiante dessa passagem que acabamos de ler, o narrador, dolorosamente, também nos confessa: “senti que ele me evitava, naquele ar impuro eu senti que meu pai era saúde e eu era contágio”¹⁸.

Não pretendo aprofundar a discussão do tabu do incesto agora, pois meu movimento é muito mais localizado: busco apenas inseri-lo na cena do banho, por conta do clima proibitivo e moralmente *castrador* (V), que faz o personagem do filho sentir-se um contágio, uma doença. Fato é que desejo, proibição, expulsão, exclusão e doença são elementos que perturbam os papéis sexuais associados ao tipo masculino como macho, causando confusão entre pai e filho. Confunde porque a significação social dada aos sexos do pai e do filho foi perturbada pela vulnerabilidade daquela relação. Cabe não mais falarmos em papéis sexuais, mas em papéis de gênero e sexualidade, pois estamos diante de masculinidades vulneráveis, sejam elas heterossexuais, no exemplo do pai, sejam elas homossexuais, no exemplo do filho. Vale lembrar que, segundo a historiadora Joan Scott, “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”¹⁹. É essa “consciência possível”²⁰ que encontramos neste romance acerca da homossexualidade masculina, ela mesma em disputa com os elementos patriarcais hegemônicos. Esse “ato criativo”²¹, de que um pai e um filho possam ter uma intimidade masculina, sem prejuízos e ameaças da sexualidade de cada um, é o que Greenwell consegue realizar literariamente, colocando-nos a seguinte questão: será que nossa época já é capaz de entender que um filho pode ter uma ereção com o pai sem que isso seja apenas a manifestação de um desejo homossexual, mas de um afeto que carece de acolhimento e orientação paterna?

Não temos a resposta a essa “dramatização”²², mas a percepção de que até aqui temos papéis de gênero e sexualidade em disputa, que nos revelam um conjunto de práticas e expressões corporais, de discursos e de emoções, que podem nos ajudar a definir certas atitudes masculinas como vulneráveis; vulnerabilidade que, numa sociedade patriarcal, é sempre negada aos homens²³. Identificamos num romance um homem vulnerável perante outro e se comunicando verbalmente, com seu público leitor, pela *rememoração traumática* (I) de agonias primitivas geradoras de *colapso* (IV). O que ocorre é que o personagem principal nos deu notícias de um desastre psíquico causado pela *fratura ética* (II) na relação, outrora responsável, entre pai e filho. Além disso, ficamos sabendo da *castração*

¹⁸ GREENWELL, Garth. *O que te pertence*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2019, p. 91.

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Guacira Lopes Louro. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995, p. 83.

²⁰ Williams diz que o que podemos encontrar na literatura é, muitas vezes, apenas uma consciência possível sobre os fatos e as coisas, algo bastante diferente da consciência real. Cf. WILLIAMS, Raymond. Literatura e sociologia: em memória de Lucien Goldmann. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 34.

²¹ Para Williams, os atos criativos de determinados escritores compõem dentro de um período histórico específico uma comunidade específica, aqui a comunidade LGBTQI+ e sua literatura *queer*: “uma comunidade visível em sua estrutura de sentimento e demonstrável... em suas escolhas formais decisivas”. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 35. No caso de Greenwell, essas escolhas formais, mais uma vez, estão relacionadas não a uma solução individual, mas a um modo de compreender atrelado à organização literária do presente pertencendo ao movimento *queer*, que não cabe aqui discutir. Sobre esse assunto especificamente, o leitor pode encontrar um debate significativo em: WARNER, Michael. *Público, Públicos, Contrapúblicos*. Tradução: Miguel Martínez-Lage. México: FCE, 2012.

²² Williams diz que a dramatização faz parte da construção de fenômenos literários específicos, como essas ideias presente neste romance acerca das masculinidades. *Ibid.*, p. 34.

²³ JABLONKA, Ivan. *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021, p. 222.

(V) patriarcal, do tabu, da confusão dos papéis de gênero e sexualidade, enfim, entramos em contato com vidas emocionais masculinas fraturadas por conta do fim do cuidado paterno. Com isso, sentimos que a proteção, a hospitalidade, o rosto-testemunho, o afeto compartilhado, tudo é arrancado daquele encontro entre pai e filho, produzindo um enorme sofrimento, um verdadeiro *colapso* (IV). Gilberto Safra define para nós essa modalidade de sofrimento psíquico e existencial como desenraizamento. Vou preferir um sinônimo, um termo que já apresentei, e que denominei clandestinidade. É desse colapso que eu quero tratar agora: a vida masculina clandestina.

VIDA MASCULINA CLANDESTINA

Para quem não o leu o romance, basta, por ora, saber que a narrativa se inicia com nosso personagem principal, já adulto, vagando, clandestinamente, pelos banheiros públicos do Palácio Nacional da Cultura de Sofia em busca de sexo rápido e furtivo. É nesse momento que o narrador estrangeiro vai conhecer Mikto, um michê, de idade de mais ou menos 23 anos, alto, magro, de ombros largos e pênis grande, com corte de cabelo militar, que o convida a conhecer lugares inabitáveis da cidade, cheios de desejo, violência, solidão e vidas também clandestinas. Descrevo um desses momentos da narrativa para sentirmos o ambiente em que estamos inseridos agora dentro do texto:

Os interiores eram escuros demais para que se pudesse enxergar... [eram uma] rede de pequenas cavidades como as de uma colmeia ou de uma mina. Enquanto estávamos ali [Mikto e eu] percebemos a presença de três homens postados não muito longe, que deviam ter se escondido... agora emergiam das sombras [como] figuras solitárias, magros, de meia-idade... o ar vibrava com uma carga de eletricidade, e percebi que com um gesto poderia me enfurnar com um deles naqueles cubículos...²⁴

A atmosfera é de mistério e excitação, sendo que o verbo *enfurnar* nos dá uma dimensão de uma alcova que enclausura o desejo de forma perigosa e furtiva. A ideia da mina e colmeia aprofunda ainda mais o sentimento de aprisionamento nos interiores, onde um enxame de homens busca sexo rápido e sem compromisso. É na companhia de nosso personagem e de um michê que damos início à chamada vida emocional clandestina em Sofia, cujo desfecho será a contaminação do personagem principal com uma infecção sexualmente transmissível: Sífilis. O contágio, de fato, parece ser um destino a se cumprir na vida emocional de um homem vulnerável.

E pensando nesse par *desejo-doença*, evoco aquilo que Antony Giddens apresentou em sua sociologia sobre algumas práticas sexuais masculinas em banheiros públicos a partir da pesquisa sociológica de Laud Humphreys:

Ao final de um dia de trabalho, de repente, os banheiros públicos de um certo parque em St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos, estão mais movimentados do que seria de esperar. Entra um homem vestindo um terno cinza; outro usa um boné de beisebol, tênis, bermudas e uma camiseta; um terceiro veste o macacão de mecânico da oficina onde consertou carros o dia todo. O que esses homens fazem ali?... Nenhum desses homens está no banheiro para usá-lo para os fins os quais foi construído oficialmente: eles estão ali em busca de “sexo rápido”... casados ou não, homens com identidades heterossexuais ou que se consideram gays... buscam sexo com pessoas que não conhecem... Não querem compromissos que vão além dos encontros específicos que têm nesse local público.²⁵

²⁴ GREENWELL, Garth. *O que te pertence*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2019, p. 34.

²⁵ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução: Ronaldo Cataldo. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 39.

Com essa síntese sociológica, posso dizer que determinadas experiências masculinas ocorrem em espaços secretos, escondidos, como os banheiros, onde homens parecem se despir perante outros homens. Isso ocorreu seja na cena do banho do pai e do filho, num dos banheiros públicos da capital da Bulgária ou, agora, no exemplo dos EUA.

E não é para menos, pois não há melhor espaço para discutir vulnerabilidade do que nos banheiros. Escondidos, despidos, nossa intimidade corporal é completamente exposta em nossos banheiros. Mas não são somente os corpos e hábitos de higiene que se impõem nesses lugares íntimos. Os medos mais privados podem emergir nesses espaços, pelo menos é isso o que nos conta o narrador, momentos antes de fazer sexo num cubículo com Mikto. Ele declara enquanto se abaixava para fazer sexo oral no michê: “[buscava ele encontrar] uma espécie de segurança ou desenvoltura corporal que sugeria ausência de dúvidas e de tormentos pessoais, de qualquer melindre quanto à existência”²⁶. Segurança, desenvoltura corporal, poucas dúvidas ou tormentos pessoais, eles mesmos, elementos emocionais e comportamentais que poderiam deixar mais integrada determinada masculinidade, todos eles estão ausentes na vida emocional desse personagem principal com feições psíquicas e existenciais clandestinas.

O estilo de vida clandestino consiste numa vivência absolutamente solitária e em busca de realização dos desejos de maneira furtiva. São suas marcas: o desejo cercado de proibições, exclusão, contágio, confusão, solidão e tentativas desesperadas de *sobrevivência* (VIII). Por isso, uma personalidade clandestina é um tipo sobrevivente, alguém cuja vida emocional masculina é marcada por torturas advindas de fraturas éticas da infância, provas de um colapso primordial infantil sobrevivente na vida adulta.

Se eu pudesse resumir esse romance em poucas palavras, seria possível dizer que, de um lado, a narrativa é sobre desejo e exclusão, de outro, desejo e doença, prevalecendo o desejo em todos os momentos, mesmo naqueles em que a competição entre os homens entra em cena para tentar enfraquecer tais sentimentos e deixar os homens menos vulneráveis diante uns dos outros. Em qualquer um dos casos, isto é, fosse com o pai, fosse com Mikto, o que prevalece é o desejo clandestino.

É por conta da projeção para com Mikto que descobrimos que existe uma relação de causa e efeito entre a vida adulta e a infância, isto é, de que desejos e satisfações da maturidade dependem, na maior parte das vezes, dos eventos marcantes da infância, especialmente, com o fim dos cuidados paternos. A prática corporal e higiênica dos banhos com o pai, as conversas e jogos infantis, o afeto compartilhado, a relação inicialmente ética, mas depois fraturada e refratada no rosto paterno retorcido, tudo isso, e muito mais, será projetado e repassado inúmeras vezes de forma tumultuada com Mikto na vida adulta. Estamos diante, portanto, de um psiquismo infantil fraturado que demanda atenção, segurança, proteção e localização. Faço esta última afirmação da necessidade de localização, porque esse romance está recheado de mistérios, esconderijos, coisas secretas ou não identificadas, como o nome do personagem principal.

Essa, na verdade, é a genialidade de Greenwell, pois, enquanto lemos esse romance em que o personagem de ficção principal não tem uma identidade definida, somos convertidos nele próprio. Não é à toa que esse romance se chama *O que te pertence*, pois ali nos são dados intimamente exemplos que tomamos para nós, que passam a nos pertencer, bem como atribuímos muitas coisas ao texto, como se a esse pertencêssemos, assim como estamos fazendo agora, enquanto interpretamos esse romance e o selecionamos para pensar colapsos masculinos. Na verdade, essa dinâmica e troca de afetos com o texto ocorre em toda leitura literária. Não obstante, temos uma novidade aqui: tudo o que não

²⁶ GREENWELL, Garth. *O que te pertence*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2019, p. 13.

fora preenchido pelo autor, precisa ser completado por nós leitores, pelo que nos pertence de masculino, fraturado e furtivo, independentemente de nossa identidade de gênero. Pertencer, portanto, é uma afirmação de identidade, é lutar contra uma *identidade perdida* (IX) e/ou inexistente, é escapar à clandestinidade.

“Me aproximei dele [do pai], não com alguma intenção específica, mas talvez também não inocentemente... Ou talvez seja mais verdadeiro dizer que eu era inocente mas não sem intenção, pois o que é que me moveria senão uma intenção, uma intenção corporal?”, questiona o narrador. Sentimos, na verdade, nessas afirmações do personagem principal, que nada está totalmente afirmado para ele, nem totalmente negado em termos de sentimentos ou desejos. Trata-se, de fato, de um comportamento bastante ambíguo em relação ao pai, algo próprio de uma personalidade furtiva ou clandestina. Porque essa peculiaridade de não assumir, eludir, não se comprometer ou não se encarregar de uma situação, bem como uma falta de discriminação em que nada é afirmado, nem completamente negado, é algo próprio de uma personalidade ambígua, pensando aqui nas sínteses do psicanalista José Bleger, em *Simbiose e Ambivalência*²⁷.

Combinando isso com o que já sabemos do romance, é possível afirmar que existem atitudes *ambivalentes* (VII) e ambíguas na narrativa. Ambivalentes, por conta da atmosfera proibitiva ou do tabu dos corpos masculinos sexualizados. Ambíguas, em função da personalidade furtiva ou clandestina de nosso personagem principal, que tem dificuldade de discriminar seus afetos para com seu pai, deixando tudo muito confuso, sem muita definição, por conta da *perda de identidade* (IX). Escapa, portanto, a identidade, porque a capacidade de experimentar o mundo da vida, de sonhar, de desejar a si mesmo e ao outro, de se relacionar com objetos amorosos/sexuais, tudo ficou sem definição, precário e confuso nas interações mútuas masculinas.

Em meio à confusão, as únicas coisas que ficam mais patentes para nós são as fortes emoções contrárias que se apresentam ante pai e filho, sendo elas a afeição entre homens e o *medo do feminino* [fantasmagoria] (VI), feminino este que estaria associado à prática homossexual. Afora isso, todo o resto fica indiscriminado em meio ao choque desses sentimentos contrários, algo também característico da vida emocional dos homens, chamados aqui de clandestinos.

Freud, em 1909, disse-nos que a vida emocional masculina é feita de contrários²⁸. Chegou a essas conclusões depois de acompanhar e analisar as experiências amorosas e sádicas de um menino, chamado Hans, para com seu pai, sua mãe e irmã. Hans era um menininho de mais de 4 anos que nutria grande amor por sua família, principalmente, por seu pai, embora desejasse muitas vezes que ele morresse. O estudo de Freud é um dos clássicos sobre fobias e sexualidades infantis, tanto que desse caso podemos tirar bons exemplos de uma situação edipiana. Cabe, na verdade, fazer aqui uma rápida referência à triangulação edípica, mesmo sabendo que no romance o coito parental não estava diretamente presente na cena do banho, embora expressivamente representado por uma imagem feminina, conforme discutimos na passagem sobre a Medusa. Recuperei bem esquematicamente Hans apenas para enfatizar que a vida emocional masculina pode ser tomada de pares contrários, de situações *ambivalentes* (VII), promotoras de personalidades ambíguas, sinônimo de clandestinas, como a de nosso personagem principal.

No ponto em que estamos, depois de tudo o que foi apresentado, é possível dizer que o desastre psíquico na infância de nosso personagem produziu uma vida emocional

²⁷ BLEGER, José. *Simbiose e Ambiguidade*. [S. l.]: F. Alves, 1977, p. 221.

²⁸ FREUD, Sigmund. Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. In: FREUD, Sigmund. *Duas histórias clínicas. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1909)*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. X. p. 104.

clandestina e torturante na maturidade, levada na companhia amorosa de um michê. Além disso, os riscos das práticas sexuais sem nenhuma proteção ou cuidado, que infectaram com Sífilis o personagem, revelaram, mais uma vez, quão vulnerável fica um homem perante outro.

Quanto à questão da prostituição, uma breve consideração para terminar: é preciso ficar evidente que isso não é nem deve ser um problema moral para nós. Afinal, considero que os profissionais do sexo merecem todo respeito, porque “bater pernas pelas ruas para oferecer uma presa e servir de mecanismo ejaculatório ao primeiro indivíduo que aparecer, por mais repugnante que seja...”²⁹, é algo que, no mínimo, merece nossa consideração. Foi Georg Simmel, sociólogo alemão, quem escreveu isso em 1892, num ensaio intitulado “Algumas reflexões sobre a prostituição”, sendo importante repassar esse raciocínio agora, não para enfatizar a prostituição como uma questão inerente às masculinidades vulneráveis, mas para sugerir que, no lugar de avivar em nosso personagem uma maturidade intelectual (como professor) e uma maturidade sexual (como homem adulto), vigora uma relação amorosa tumultuada com um michê, oferecendo-nos provas das atitudes masculinas vulneráveis que podemos encontrar em personalidades clandestinas de homens sobreviventes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino este artigo de sociologia e psicanálise da literatura lembrando que a vulnerabilidade masculina estudada é sinônimo de uma existência precária, o que configura a condição de sobrevivência de personalidades masculinas clandestinas. Essa estrutura de sentimento foi capturada na literatura estudada, ficando em aberto a possibilidade de a testarmos em outras obras de ficção orientadas pela cena *queer*, nos termos que apresentei aqui.

As ideias contidas no artigo apontam que a vulnerabilidade masculina é causada pela interação entre os homens de diferentes idades, quando ficam fechados intimamente com pessoas do mesmo gênero. O que foi estudado no fragmento de ficção destacado no início aponta para uma escalada tumultuada de interações mútuas bastante restritas aos ambientes públicos e privados de Sofia, capital da Bulgária,³⁰ onde o isolamento social, o adoecimento psicossomático, cria uma atmosfera que lembra vidas masculinas clandestinas. Caracterizo-as assim por conta da atitude ambivalente e furtiva que apresentou nosso personagem, configurando tipos sociais sem identidade própria.

Aliás, o que acabei de mencionar sobre a personalidade clandestina e a perda de identidade não está restrito aos homens, mas inclui também as mulheres, porque diz respeito à condição humana. Porém, não pretendia falar das mulheres, mas de uma situação masculina atrelada à vulnerabilidade, aqui entendida não como um conjunto de sentimentos relacionados à fragilidade ou insegurança, mas uma atitude que funda determinado caráter socioemocional definidor de uma personalidade masculina clandestina, ela mesma vulnerável por conta de elementos destacados durante as análises em algarismo romano:

- I. rememoração traumática;
- II. relação ética fraturada;

²⁹ SIMMEL, Georg. Algumas reflexões sobre a prostituição. In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*. Tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 02.

³⁰ Quanto ao fato de o romance se passar nessa localidade, palco de disputas políticas no contexto da Guerra Fria e do estabelecimento da República Popular da Bulgária, sob o governo do Partido Comunista Búlgaro, não cheguei a explorar esses assuntos, porque fogem ao excerto selecionado para a análise.

- III. solidão total;
- IV. experiência de um desastre psíquico ou colapso;
- V. castração;
- VI. medo do feminino [fantasmagoria];
- VII. ambivalência;
- VIII. condição de sobrevivência;
- IX. perda de identidade.

Tais características socioemocionais são definidas assim porque estamos tratando de comportamentos e sentimentos de alguns homens chamados vulneráveis por conta dessas experiências. Compreendi essa estrutura de sentimento a partir da análise e interpretação realizadas do fragmento de romance supracitado. Como cheguei a isso foi o que pretendi demonstrar por meio do comentário e da interpretação de um excerto do livro de Greenwell, quando foram apontados esses diferentes elementos constitutivos de uma masculinidade vulnerável destacados (I-IX). Com Greenwell, portanto, operei com a ideia de uma “hipótese cultural” ou “estrutura de sentimento”, nos termos daquilo que sugere Raymond Williams, a saber, o “modo de vida comum” de determinado personagem de ficção, considerado vulnerável por conta da clandestinidade característica de um homem sobrevivente aos traumas da infância e às sequelas da vida adulta.

O oxímoro “estrutura de sentimento” foi cunhado pelo sociólogo alemão Levin Schücking, mas foi Raymond Williams que operou com este termo metodologicamente como hipótese cultural.³¹ Uma “estrutura de sentimento”, presente em determinada obra literária, é um representante dos significados e valores sociais em vigor ou nascentes em determinada sociedade, ali expostos por meio de um fato literário específico, ele mesmo uma fabricação social. A estrutura de sentimento, diz Williams, é a cultura de um período. Podemos identificar determinada estrutura de sentimento por meio das convenções literárias elaboradas pelo cânone ou produzida pelos grupos de escritores dominantes em certo período. Em nosso caso, trata-se do grupo advindo da literatura *queer* do presente, na qual identificamos Greenwell.

Quanto ao tema específico da vulnerabilidade masculina, preciso destacar que este estudo foi numa direção diferente da de Ivan Jablonka, um dos especialistas do assunto, por razões que a análise literária do texto específico indicou. Porém, concordo com ele quando afirma que ter homens mais vulneráveis seria algo a ser conquistado, uma vez que assim teríamos pessoas do gênero masculino mais sensíveis perante outros homens e mulheres, tipos que não se acomodariam facilmente ao “funcionamento patriarcal da sociedade”, sendo, portanto, reconhecidos como pessoas masculinas mais igualitárias e justas³². Nesse sentido, a vulnerabilidade faria parte do processo de “revolucionar o masculino” para criar “novas masculinidades”, algo para além do conhecido “complexo de superioridade” dos homens-machos, chamados assim porque vivem temendo perder seu domínio patriarcal. Nessa perspectiva, ao defendermos outra fisionomia, outras atitudes, outros comportamentos masculinos, estaríamos lutando para que os homens se tornassem mais vulneráveis, logo, mais disponíveis para batalhar pela “justiça de gênero”. Algo que envolve “critérios de justiça”, “ética de gênero”, “ações subversivas” que visam a

³¹ Para aprofundamento da discussão: PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Raymond Williams sobrevivente*. 2023. Tese (Livro Docência) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação), Campinas, 2023.

³² JABLONKA, Ivan. *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021, p. 13.

“reconfigurar o patriarcado”, produzindo “uma qualidade de relação social”³³. Tais ações e transformações, portanto, levar-nos-iam, por meio da aceitação ou construção de vulnerabilidades, a novas vivências masculinas.

O que vimos sobre as atitudes, isto é, as práticas, as expressões corporais, os discursos, as emoções do narrador, dizia de seu caráter socioemocional, isto é, da estrutura de sentimento específica presente no romance, na qual identifiquei personalidades masculinas vulneráveis. Só que essa vulnerabilidade masculina foi discutida sob um prisma diferente de Jablonka, não como um *devoir*, mas como uma repetição de “agonias primitivas” geradoras de colapsos³⁴.

Concluindo, penso, portanto, que um homem vulnerável é aquele que se coloca perante outro de forma precária, tentando sobreviver dentro da ordem heteronormativa, encontrando grandes dificuldades de lidar e/ou ultrapassar as fraturas emocionais, o isolamento, a perda de identidade e, principalmente, o medo do feminino. Eis as marcas de uma vulnerabilidade masculina, eis algumas evidências literárias de que determinada condição masculina ainda depende de uma condição de sobrevivência, por conta da clandestinidade envolvendo a vida de alguns homens vulneráveis.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. Epílogo. In: AUERBACH, Erich. **Mimesis**. Tradução: George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 501-502.

BLEGER, José. **Simbiose e Ambiguidade**. [S. l.]: F. Alves, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Tradução: Felipe Bruno Martins Fernandes. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

FREUD, Sigmund. Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. In: FREUD, Sigmund. **Duas histórias clínicas. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1909)**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. X. p. 104.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1913-1914)**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1937-1939)**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII, p. 264-266.

³³ JABLONKA, Ivan. *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021.

³⁴ Donald Winnicott caracteriza os colapsos experimentados ao longo da vida como repetições de experiências traumáticas (“agonias primitivas”) vividas em situações primordiais. WINNICOTT, Donald W. O medo do colapso. In: WINNICOTT, Donald W. *Explorações Psicanalíticas*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 72.

FREUD, Sigmund. A Cabeça da Medusa. In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos** (1920-1923). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. XV. p. 327-328.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Ronaldo Cataldo. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 39.

GREENWELL, Garth. **O que te pertence**. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2019, p. 79.

GREENWELL, Garth. **Pureza**. Tradução: Matteo Colombo. São Paulo: Todavia, 2023.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades**. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021.

LÉVINAS, Emmanuel. (1982/1991). **Ética e infinito**. Tradução: Jesús María Ayuso Díez. Madri: Machado Libros, 1991.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Raymond Williams sobrevivente**. 2023. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação), Campinas, 2023.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de ALMEIDA; SZWAKO, José (org.). **Diferenças, igualdade**. Coleção Sociedade em foco: introdução às Ciências Sociais. São Paulo: Berlindis & Verchiora Editores, 2009. pp. 116-149.

SAFRA, Gilberto. O testemunho na situação clínica: literatura e psicanálise. In: COTTA, J. A.; SAFRA, G. (org.). **Psicanálise e Literatura: Imre Kertész e o desterro humano**. [S. l.]: E-Galaxia, 2015. *E-book*.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. 20(2): 71-99, jul/dez 1995, p. 83.

SIMMEL, Georg. Algumas reflexões sobre a prostituição. In: SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. Tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 01-04.

WARNER, Michael. **Público, Públicos, Contrapúblicos**. Tradução: Miguel Martínez-Lage. México: FCE, 2012

WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society: 1780-1950**, New York, 1983.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. Oxford – New York: Oxford University Press, 1977, p. 135

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Wales: Parthian, 2011, p. 69.

WINNICOTT, Donald W. O medo do colapso. In: WINNICOTT, Donald W. **Explorações Psicanalíticas**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 70-76.